

MITO E LUGAR - Parte I

Josué da Costa *

RESUMO: "Mito e Lugar" é o resultado das reflexões que efetuamos durante o curso de pós graduação junto à Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. Apresentamos o texto tal como foi aprovado pela banca examinadora. Talvez o maior tenha sido o da minha origem. Nascido às margens do Rio Madeira, sempre ouvindo as histórias que o povo conta, vivendo o tempo e o espaço amazônicos, sentindo os sabores e os cheiros da terra, tudo tornou-se muito familiar. O tema mito e espaço nasceu de trabalhos de pesquisa nas áreas de História e Saúde dos quais participei na área ribeirinha, despertando em minha mente a vontade de trazer esse assunto para a Geografia. Porém, sempre que eu fazia esse comentário, soava a alguns ouvidos algo parecido a heresia.

PALAVRAS – CHAVE: Mito e Lugar, Rio Madeira, História e Saúde.

ABSTRACT: "Myth and Place" is the result of the reflections that we made during the course of graduate from the University of São Paulo, Department of geography. Introducing the text as adopted by the Committee. Perhaps the greatest was the recipient of my origin. Born on Wood, always listening to the stories that people counts, living time and space Amazonian, feeling the flavors and smells of the Earth, everything became very familiar. The theme myth and space was born out of research in the areas of History and Health which participated in the riparian area, awakening in my mind the desire to bring this matter to geography. However, whenever I made this comment, sounded a few ears something like heresy.

KEYWORDS: Myth and Place, the Madeira River, History and Health.

Apresentação e Perfil Metodológico:

Apresentação: Este trabalho é uma publicação da primeira parte da Dissertação de Mestrado. "Mito e Lugar" que analisa uma comunidade que vive às margens do Lago Cuniã, Porto Velho. Rondônia, que viu-se envolvida com ameaça de desapropriação da área para transformação em unidade de preservação ambiental

pelo IBAMA. Com tal objetivo este órgão não consegue "ver" uma comunidade que tem uma existência cultural rica em símbolos e significados onde o mito aparece como elemento organizador do lugar. Como categoria do espaço, o lugar surge como criação humana, cultural e com significados intrínsecos para o grupo.

"Mito e Lugar" é o resultado das reflexões que efetuamos durante o curso de pós graduação junto à Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. Apresentamos o texto tal como foi aprovado pela banca examinadora. Algumas questões, de maneira muito salutar, encontram-se superadas por este autor, entretanto há ainda um universo a ser desvendado. Uma curiosidade criadora acompanhou toda a elaboração deste trabalho, onde foi necessário não aceitar e até mesmo romper com os limites impostos por uma ciência ou uma forma de pensar. Quando se busca compreender o universo humano, uma ciência não é suficiente, ou mesmo a Ciência não é suficiente. Mostrar que é possível realizar unia pesquisa com esse pensamento. Talvez seja esta a maior contribuição.

O desenvolvimento deste trabalho foi marcado por unia série de fatores difícil superação. Talvez o maior tenha sido o da minha origem. Nascido às margens do Rio Madeira, sempre ouvindo as histórias que o povo conta, vivendo o tempo e o espaço amazônicos, sentindo os sabores e os cheiros da terra, tudo tornou-se muito familiar. Foi necessário um grande esforço de "estranhar" aquilo que na minha vida era normal ou natural. No meu modo de ver, não havia nada de "anormal" nas histórias de encantamento do Boto, do Mapinguari, do Papa-Figo, do Curupira, da Cobra Grande que criava igarapés da noite para o dia. Quando pequeno, no dia dos finados, eu ia acender velas no túmulo de um homem que todos diziam que tinha virado cobra, porque batia em sua mãe. O túmulo vivia constantemente rachado e envolvido por grossas correntes. Um dia a cobra saiu e foi morar no Rio Madeira. E todos nós. Crianças, sabíamos que à mãe devíamos respeito, agredi-la era a danação eterna. É necessário ainda citar o tempo amazônico, que é marcado pelo movimento das águas, das enchentes; as viagens não são contadas por quilômetros percorridos, mas por horas de viagem deitados na rede. Assim, o caminho trilhado por um "nativo" para assumir a impessoalidade e a "racionalidade" acadêmicas, é sempre penoso. Mesmo que não deixemos de ser "nativos", precisamos ultrapassar os limites do senso comum, selecionar alguns aspectos da realidade e investigar suas origens, as inter-relações e articulações diversas, aprender a usar o olhar de pesquisador.

Somente quando saímos da Amazônia é que percebemos o quanto o nosso cotidiano é repleto de coisas de dimensões absurdamente grandes, seja o nosso conceito de rio, a imensa variedade de nossa fauna, de nossa flora, a infinidade das cores que vivenciamos a imensa tonalidade de verdes e de brilhos, de um sol que ilumina com intensidade tudo o que pode tocar; são os peixes que passam sob as canoas de diferentes espécies e tamanhos; é o sabor das frutas, a exemplo do cupuaçu que ao ser quebrado, nos invade com seu perfume; é ver as crianças e os adultos subirem nas palmeiras de açaí e descerem cote um enorme cacho de frutos negros e ver a palmeira intacta e o caboclo olhar para cima e dizer que na próxima semana virá buscar o outro cacho. É uma pena que ao escrever não consigamos expressar a realidade da Amazônia: tão bonita, tão variada, tão rica e com um povo generoso e sagaz. Refiro-me à Cuniã, área escolhida para minha pesquisa.

A elaboração de um trabalho como esse requer várias idas ao campo e cada viagem transforma-se em urna aventura à parte: quer seja nas idas de voadeira, nos barcos de linha, viajando deitado em redes e, alguma vezes, tendo que levantá-las para receber cargas de melancia, banana, coco, açaí. E outros produtos ribeirinhos. O mais importante ainda é observar a luta que esses colonos enfrentam para levar seus produtos ao mercado, pagando passagens e cargas e esperando encontrar, em Porto Velho, um preço digno para seus produtos. Isso, infelizmente, poucos conseguem. A atividade de transporte desenvolvida sobre as águas do Rio Madeira é bastante intensa, os produtos que circulam e abastecem Porto Velho merecem um estudo detalhado. Nas viagens de campo, tivemos a oportunidade de participar de festejos de santos padroeiros em várias comunidades onde estavam presentes a alegria, a religiosidade e a beleza cultural desse povo. As procissões onde se juntavam dezenas, centenas de barcos e canoas enfeitadas e coloridas de beleza singela e emocionante também merecem um trabalho específico.

O tema mito e espaço nasceu de trabalhos de pesquisa nas áreas de História e Saúde dos quais participei na área ribeirinha, despertando em minha mente a vontade de trazer esse assunto para a Geografia. Porém, sempre que eu fazia esse comentário, soava a alguns ouvidos algo parecido a heresia. "O que a Geografia tem a ver com o boto, cobra grande?" diziam-me alguns. Mas não era isso que eu queria, não era meu objetivo verificar como a Geografia tratava do boto. O que me interessava era a importância que os ribeirinhos davam a essas

representações, era compreender a necessidade que tinham de contar suas histórias. Para mim estava claro que não se tratava apenas de conversa de caçador, pescador ou de mentirosos. Era algo mais, essas histórias eram na verdade relatos de vida (ou vidas), era uma visão de mundo que o preconceito de um outra lógica não permitia ver. Quando pude compreender que havia uma lógica rica em conceitos, classificações e valores, as histórias míticas deixaram de ser apenas fantasiosas, todas tinham cenários e personagens, tinham espaço e tempo. Havia uma relação muito forte entre o lugar e o indivíduo. Todas aquelas abstrações não eram somente abstrações do espaço, mas de si mesmos. Então, foi só apurar os meus sentidos e verificar de que espaço estavam falando. Falavam que ali era o seu lugar e essa palavra era pronunciada com ênfase, havia incorporações de valores óbvias para eles. Fui então buscar compreender o que era esse "lugar" a que tanto se referiam. Mesmo assim, com essa primeira aproximação, os dados apresentavam-se ainda de forma inicial, embrionária.

Não procurei fazer generalizações, nem compreender o povo da Amazônia, mesmo porque não há só uma Amazônia, nem um só povo. Procurei compreender Cuniã e suas relações com algumas localidades mais próximas. É necessário cuidado, pois em Cuniã encontramos diferenciação no sentir e perceber o espaço. Portanto, trabalhar com generalizações é perder a riqueza de informações, é reduzir e empobrecer aquela realidade.

Pensar a organização espacial de um grupo social como os ribeirinhos, é descobrir uma pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de determinada paisagem. Esses fatores são das mais diversas ordens, quer seja psicológica, moral, ecológica, econômica, política ou mítica.

O conjunto rico de informações, experiências, vidas irá modelar o imaginário social do grupo que terá a capacidade de congregar os valores, a interpretação, a estratégia de sobrevivência e a visão de mundo que possuem. O grupo social estará "equipado" para apresentar seu projeto de natureza, ao criá-la enquanto resultado da "práxis". Esse "projeto de natureza" além de reunir dados classificatórios, traz também os mecanismos que propiciam a preservação das espécies, visto que isto irá garantir a sobrevivência do grupo. As informações para a manutenção do funcionamento do "ciclo da natureza" serão colhidas da observação cotidiana, transmitidas e aperfeiçoadas ao longo das gerações. Esse homem ribeirinho irá pensar a natureza como uma aliada de sua rotina

cotidiana.

Assim, a natureza passa a ser humanizada, desmistificada, ou seja, desnudada de seus mistérios e incorporada de novos significados. Passa a ocorrer, em alguns momentos, a sacralização da paisagem. A "mata", o "rio" passam a ter um significado especial para esse grupo. É a "mata" e o "rio" desse grupo. Em outras palavras, tornam-se criações.

O espaço repleto de significados é unia criação do homem. Esse espaço terá sua forma configurada por um "homem-que-pensa" e sente, por um "homem produtor", por uni "homem habitante". A compreensão dessa criação torna-se possível quando nos desprendemos dos aspectos aparentes dessa paisagem, quando vemos além das relações de trabalho.

Depois de estabelecidas as relações humanas e as tecnologias de sobrevivência e vida, o espaço, a natureza parecerão independentes da sociedade e de sua ação criadora. Parecerão anteriores. No entanto, natureza antes da "práxis" é pura metafísica. Aquilo que depois é natural, é um aspecto da própria "práxis". Algo que desprega para ter existência própria. Esse algo podemos chamar de "espaço", "ambiente". "natureza", "cosmo".

O espaço, que antes do homem era abstrato, obscuro e temeroso, caos e potência, passa a ser o corpo externo da sua existência social, um dos seus fundamentos; a mata conterà as marcas para sua locomoção; as árvores, rochedos, rios, serão pontos de referência; os igarapés e lagos terão significados relacionados às espécies de peixes; cada local de busca de alimento será classificado conforme o período de reprodução das espécies e outras classificações. As matas e as águas apresentarão seus deuses e protetores: é o Curupira, o Mapinguari, a Matita Perêra, a Cobra Grande, o Boto e muitos outros. Neste momento, o espaço rompe por completo com a indiferença, a insegurança, o temor. Já não é mais um espaço desconhecido. É Algo mais. É a segurança, é o aconchego, onde seus mortos estão sepultados. É um "lugar". Quando perguntados, esses homens respondem sem hesitação: "aqui é o meu lugar". Antes do lugar, não existia natureza socializada.

A organização do espaço concretiza o modo de pensar do grupo, do conjunto de seus valores e sua visão de mundo. Esse espaço é a expressão viva do humano. Tais questões tornam-se mais significativas quando analisamos grupos sociais que ainda não foram inteiramente cooptados pela sociedade

dominante de consumo.

Desses grupos sociais, certamente fazem parte os seringueiros, os caboclos e ribeirinhos da Amazônia que vivem a realidade das matas e das águas com todos os seus significados. Tais grupos não vivem isolados do mundo urbano, entretanto, mantêm uma relação com o seu meio mediada por relações míticas e com uma percepção aguçada dos mecanismos de funcionamento da natureza.

Há de se esclarecer ainda a que ribeirinho nos referimos. Na Amazônia, alguns conceitos assumem uma grandeza que à primeira vista pode causar constrangimento a quem relata. As definições de *furos*", igarapés, rios ou lagos assumem grandes proporções. Mesmo de maneira mais suave, há diferenciações no modo de agir dos que moram em suas margens.

O pescador que mora às margens do Rio Madeira vai trabalhar em águas barrentas com *"remansos"* e *"banzeiros"* perigosos. O trabalho da pesca terá técnica diferente para quem trabalha nas águas mansas dos lagos. As cores das águas sofrerão uma classificação dada pelos ribeirinhos segundo o tipo de alimentação que elas possam oferecer e as técnicas de pesca serão próprias para cada uma delas. Estarão, assim, mapeadas as águas negras, brancas, verdes, azuis ou barrentas.

Buscando compreender essas comunidades a partir de suas técnicas de trabalho e sobrevivência, aparentemente é um conceito bastante vulnerável à críticas e faz parte de um debate já superado no meio geográfico, por ser esta teoria considerada possibilista, tradicional etc. Entretanto, é através dessas técnicas que temos maiores oportunidades de compreender uma comunidade como a analisada, que ainda teima em existir na Amazônia. Essas comunidades possuem ainda a característica de orientar sua visão de mundo e suas estratégias de sobrevivência com uma presença muito marcante dos elementos míticos. É a realidade superando as limitações da ciência e a fragilidade de seus conceitos.

Com relação à constituição de uma documentação primária, à formulação do nosso acervo documental, assumimos a metodologia da pesquisa participante, embora não tenha sido possível passarem cada uma dessas viagens mais do que quinze dias. A dificuldade em organizar uma viagem como essa, obriga-nos a definir prioridades. Dessa maneira, fiz viagens com o objetivo de acompanhar um dia de pesca, em época de cheia, na área do igapó. Depois de dois dias em campo, passávamos o terceiro e o quarto dia com pescadores diferentes, saindo ao raiar do

dia e voltando ao entardecer. Levava comigo o caderno de campo e a máquina fotográfica. À noite, nos reuníamos para conversar e procurei registrar as observações dadas pelos moradores. Depois da segunda viagem a campo, já conhecíamos todos os moradores. Selecionamos alguns para entrevista gravada e procurávamos interrompê-los o menos possível. Uma outra técnica de entrevista utilizada foi a busca de resposta para um elenco de perguntas previamente elaboradas, onde um grupo de pessoas respondia às mesmas questões. Todos sempre estavam informados sobre o gravador e nem por isso houve modificações no comportamento dos grupos ou pessoas e. ao final da entrevista, retornava a fita e deixava que ouvissem parte da gravação. Em campo, utilizamos o registro fotográfico, colhendo imagens do meio de trabalho, transporte, atividades diárias, crianças, moradias e das paisagens. Sempre ao retornar, as fotos eram apresentadas e distribuídas entre todos. As pessoas se emocionam ao se reconhecerem em um papel. Participamos também, da realização de algumas filmagens em que tentávamos contar a história da comunidade através de depoimentos e imagens da paisagem. Levamos para a área um videocassete e um televisor e apresentamos as filmagens. Todos reunidos tentavam identificar os personagens e ao surgir o depoimento de uma moradora, aplaudiram. As filmagens foram reprisadas mais de cinco vezes nessa noite. Acompanhamos alguns em caminhadas pela mata, sempre buscando e anotando os nomes das espécies que encontrávamos e principalmente quais eram as referências que eles usavam para se orientar. Aprendemos a distinguir várias pegadas e vestígios de animais como a anta, a paca, o tatu, a cutia. Sempre considerei que a presença em campo exigia um retorno à comunidade, a clara exposição dos objetivos de nossa presença, as informações sobre o andamento dos trabalhos e a exposição do material que colhia em forma de imagem.

O acervo documental também contou com o livre acesso às documentações e reuniões da Associação, bem como entrevistas com os vários superintendentes do IBAMA, coleta de notícias publicadas nos jornais sobre a temática ribeirinha, e também de revisão bibliográfica.

Pelas peculiaridades interdisciplinares do tema, a Geografia sozinha seria insuficiente para realizar esta análise, pois a natureza dessa pesquisa exige que o investigador permaneça com o espírito aberto para diferentes fontes bibliográficas que mostrem as visões de outras ciências, tais como, a Antropologia, Sociologia. História, Psicologia, etc.

Alguns objetivos foram definidos, marcando a estrutura de nosso trabalho: compreender como *o sagrado* está presente nas diversas representações simbólicas, alicerçando a organização e resistência do grupo e definindo a construção espacial de Cuniã.

Esse trabalho foi dividido em duas partes: na primeira, relata a história do grupo, sua organização e resistência, demonstrando o universo de informações que essas populações utilizam em seu cotidiano; a origem (ou as origens) de Cuniã; a luta desenvolvida pela comunidade para permanecer na terra; alguns conflitos internos e a força política das famílias. Em seguida, há a demonstração de que todas essas atuações no tempo e no espaço irão produzir um nível de informação comum a todos os moradores e que denominei de *códigos da terra*. Buscamos ainda entender como esse homem pensa seu espaço, que valores atribuí a esse espaço; quais são as relações sociais que transformam um espaço que antes era o "nada", em algo que é capaz de despertar para a luta e o confronto. Seria somente uma simples luta pela terra? Haveria algo mais em jogo?

A segunda parte apresenta as representações míticas das águas e da mata, relacionadas às formas de resistência do grupo, o seu modo de vida e seus valores relacionados ao meio ambiente e como essas representações participam da construção do espaço.

Cuniã e os Códigos da terra

Cuniã, comunidade de pescadores e agricultores de subsistência, está localizada à margem esquerda do Rio Madeira. Situando-se na parte nordeste do Estado, próximo aos limites com o Estado do Amazonas, a aproximadamente 140 km, a jusante da capital do Estado de Rondônia, possuindo uma área de 104.000 ha.

O modo de acesso é preferencialmente fluvial. De Porto Velho até o Cuniã navega-se, descendo o Rio Madeira, por aproximadamente 100 km até as proximidades da comunidade de Nazaré, onde desemboca o igarapé Cuniã. Seguindo-o por cerca de 30 km, chega-se à comunidade.

A viagem leva em média seis horas em uma embarcação denominada "*voadeira*" com motor de 40 HP, ou em um tempo de vinte e quatro horas em um barco tipo "*batelão*". O tempo de viagem também muda segundo o período do ano.

Uma viagem na época de estiagem leva mais tempo porque o barco irá acompanhar o curso normal do rio e o piloto terá maior preocupação com os bancos de areia. Em período de cheia, os caminhos são encurtados pelos furos e em alguns lugares meandantes do rio é possível se desviar, e seguir pela parte mais curta nos lugares onde há ilhas. Existem ainda os caminhos por terra que ligam Cuniã à comunidade de São Carlos, às margens do Rio Madeira, para fazer pequenas compras ou aguardar os "barcos de linha", para se deslocar até Porto Velho. Esses caminhos são utilizados durante a estiagem, ficando submersos no período de cheia do Rio Madeira.

Constituída por cerca de 60 lagos, a área de Cuniã possui grande riqueza em sua fauna e flora. Há enorme variedade tanto de peixes como de animais silvestres apresentando, ainda, um grande potencial extrativista de produtos da mata como a castanha-do-brasil, o açaí e dos lagos e igarapés, os peixes.

De formação lacustre, a área do Cuniã tem um regime das águas que oscila bastante entre o período da cheia, de novembro a abril, e o de estiagem de maio a outubro. Quanto ao solo, no igapó, parte que sofre a influência da oscilação anual do nível de água, apresenta-se como associação de Glei pouco húmico álico (HG pai) textura argilosa da floresta equatorial hidrófila de várzea, possuindo uma forte gleização, indicando uma intensa redução de ferro e, segundo o levantamento pedológico realizado pela EMBRAPA, estes são solos:

Poucos desenvolvidos, de textura média ou argilosa, medianamente profundos, mal drenados e pouco permeáveis (...) Devido ao seu encharcamento e baixa fertilidade natural, estes solos apresentam grandes limitações ao uso agrícola. (EMBRAPA:1983)

O outro grande grupo de solo da área de Cuniã formado pela associação de cambissolo plúntico (ca5) é a faixa de terra firme onde os moradores fixaram suas residências, segundo as análises feitas pela EMBRAPA. São:

Solos poucos desenvolvidos, apresentando 4% ou mais de minerais primários de fácil intemperização na fração areia e relação silte/argila normalmente maior que 0,7 (...) A consistência a seco é dura ,friável ou firme quando úmido e ligeiramente plástica a muito plástica e ligeiramente pegajosa a muito pegajosa quando molhado. (EMBRAPA:1983)

As características de baixa fertilidade desses solos restringem o seu uso agrícola. Dentre as dezenas de lagos existentes, o Lago do Cuniã se destaca pela sua extensão e a maioria da população fixou residência em suas margens.

A presença dos lagos em Cuniã faz com que a paisagem seja distinta de outras áreas ribeirinhas, como as de igarapés, por exemplo. Essa distinção está marcada não só pela percepção que se tem do lugar, como pela maneira de produzir seus meios de sobrevivência e de organização do conjunto do espaço.

***Josué da Costa.** Professor do Departamento de Geografia/UFRO, pesquisador do Centro do Imaginário Social, Doutorando em Geografia Humana Humana pela Universidade de São Paulo.